



Editorial

Caros leitores do Newsletter Energia & Indústria Extractiva, uma vez mais viemos brindar-vos com o que melhor há de informação quando se trata do sector energético em Moçambique e nas regiões fora.

E porque, os nossos leitores são para nós a maior fonte de inspiração para dar continuidade a esse trabalho de educar, informar e sensibilizar, servindo-se das mais modernas técnicas de informação e comunicação e, optando pela inovação nesta área do saber.

De modo a elucidar os nossos estimados leitores sobre a realidade em torno do sector e das expectativas advindas dos recursos naturais, começamos pelas "Inverdades em volta da Energia e Indústria Extractiva em Moçambique: Da Euforia a Desilusão", uma análise profunda e que se afigura importante para um entendimento real sobre a matéria.

Em seguida, rumamos a "Governança, Boas práticas e Desenvolvimento sustentável em Moçambique", uma resenha que vem abordar a questão da boa governação, bem como, a questão do desenvolvimento sustentável, objectivo que o governo procura alcançar por meio dos diversos programas levados a cabo ao longo dos anos. E como não podia faltar, espreitamos ainda a questão do aprofundamento da cooperação bilateral Brasil-Moçambique, assunto que se torna destaque com a recente visita da estadista Brasileira Dilma Rousseff, e muito mais.

Por fim, desejar a todos uma boa leitura e reflexão sobre os factos que mexem com o sector da Energia e Indústria Extractiva em Moçambique e fora. Muito Obrigado!

As Inverdades em volta da Energia e Indústria Extractiva em Moçambique: Da euforia a desilusão

Em Moçambique o sector energético e a indústria extractiva têm alimentado enormes expectativas no seio dos moçambicanos, dando origem a um sentimento generalizado de grande euforia relativamente aos ganhos resultantes da exploração desses recursos.

Frequentemente a associa-se a exploração dos recursos energéticos e minerais ao fim da pobreza, do subdesenvolvimento e ao início de uma nova era de prosperidade.

Ora, a existência e exploração de recursos energéticos e minerais não pode ser tida tacitamente como a panaceia ou solução para todos os problemas da pobreza e subdesenvolvimento, uma vez que o resultado directo da exploração dos recursos são o crescimento dos indicadores, agregados macroeconómico, e traduzem-se, na melhoria da balança comercial (causada pelo aumento das exportações), aumento das divisas, no crescimento económico, e não se traduz automaticamente em progresso social (bem estar), desenvolvimento económico, social, humano, e nem significa melhoria das condições de vida das pessoas.

A história da humanidade está repleta de exemplos bastantes ilustrativos de como a existência e a exploração de recursos energéticos não é a condição suficiente e até mesmo a mais importante para o desenvolvimento de uma nação.

Se assim fosse, os países da Organização Produtores Exportadores Petróleo (OPEP) seriam os mais

desenvolvidos do planeta e outros com poucos recursos minerais e energéticos como a Suíça e o Japão seriam periféricos. O exame da história revela-nos que os recursos energéticos e minerais estiveram e continuam estando no centro de conflitos, guerras civis, das duas grandes guerras mundiais, e que em muitas circunstâncias contribuíram para o desenvolvimento de alguns países e para estagnação de outros.

Europeia.

DA EUFORIA A ILUSÃO

O potencial energético e mineiro moçambicano tem motivado enorme interesse do país pelas grandes corporações mundiais, tem colocado Moçambique no centro dos investimentos estrangeiros e motivado aceso debate interno sobre a temática.



As potências europeias, cientes do potencial de conflito (para evitar novos conflitos generalizados pela disputa dos escassos recursos energéticos) que os recursos energéticos representam criaram a Comunidade Europeia de Aço e Carvão (1951), que deu origem a Comunidade Económica Europeia (1959) e mais tarde (1992) a União

As expectativas relativas a exploração dos recursos energéticos e minerais são enormes, motivados pela tamanha procura desses recursos no mercado internacional e pelo volume de capital que movimentam (entrada de

PUB.



Estamos na era do conhecimento, da inovação e das novas tecnologias de comunicação e informação

Siga-nos no site, twitter, facebook, newsletter, Revista Energia Moçambique e na televisão
www.energiamocambique.co.mz

divisas), o que faz pairar a ideia quase generalizada, de que avizinha-se uma era de prosperidade. O anúncio da reversão da barragem de Cahora Bassa, de Portugal para Moçambique, gerou no seio dos moçambicanos grandes expectativas relativo ao acesso, consumo e distribuição da energia (futuro energético) no país. Os anos que se seguiram encarregaram-se em confirmar falsas as enormes expectativas. A electrificação de todo o país, é ainda um enorme desafio, grande parte dos moçambicanos continuam sem acesso a electricidade, os prejuízos causados pelas ligações clandestinas, roubo de material eléctricos. O fraco investimento das empresas do sector em responsabilidade social, a deficiente e infrutífera estratégia de comunicação tem agravado o cenário e pouco tem contribuído para o progresso social. Isto é, não sente-se a diferença entre o antes e depois da reversão da barragem de Cahora Bassa, e o custo de energia em Moçambique é dos mais elevados da região.

A existência e exploração de jazigos de carvão mineral, do gás mineral, areias pesadas, da madeira, e outros recursos naturais são responsáveis pelas enormes expectativas em volta da energia e indústria extractiva no país. Estes, de meios de desenvolvimento

(matérias primas), passaram a ser tidos como um fim, daí a associação equivocada ao desenvolvimento.

A riqueza não está no subsolo

A energia e a indústria extractiva constituem um importante meio para o desenvolvimento quando são trabalhadas e transformadas pela inteligência e postas ao serviço do bem-estar da sociedade do progresso social, gerando melhoria das condições de vida das pessoas, alargando as suas escolhas, liberdades, longevidade, segurança, cidadania, proporcionando uma vida decente e saudável.

A energia e a indústria extractiva não constitui riqueza, porque por si só não possuem valor para o desenvolvimento. São as mentes inteligentes que transformam um simples mineral em um fundamental recurso catalisador e impulsionador do desenvolvimento. Para que a energia constitua futuro, gera riqueza e ilumine Moçambique é necessário e crucial iluminar as mentes! Segundo o PNUD (1990) as pessoas são a verdadeira riqueza das nações. O desenvolvimento tem a ver com o alargamento da capacidade de fazer escolhas. Para alargar essas escolhas é necessário a criação de capacidades humanas (o conjunto das coisas que as pessoas podem ser, ou fazer na vida). As capacidades mais elementares são ter uma vida longa, saudável, ser instruído, ser capaz de participar na vida da comunidade, etc.

Ministra dos Recursos Minerais quer formar quatro mil geólogos, engenheiros e metalúrgicos em 10 anos

O sector mineiro em Moçambique debate-se com a insuficiência de pessoal qualificado para acompanhar o desenvolvimento do sector, por isso, o país deverá ter um total de 4 mil geólogos, engenheiros e metalúrgicos formados em 10 anos, afirmou a ministra dos Recursos Minerais, Esperança Bias.

No decurso de um encontro entre as autoridades mineiras nacionais, representantes de diversas instituições da área e parceiros, com o intuito de atrair investimentos através da exposição das potencialidades mineiras nacionais, a ministra salientou que o governo de Moçambique pretende garantir a formação, em dez anos, de um total de quatro mil quadros da área das minas, entre geólogos, engenheiros e metalúrgicos.

Falando sobre a realidade actual, Esperança Bias disse que anualmente a Universidade Eduardo Mondlane admite cerca de 20 estudantes para esta área do conhecimento formando cerca de metade e que no Instituto Superior Politécnico os números também oscilam entre 20 a 30 quadros por ano.

Trata-se de números muito aquém dos desejáveis, uma vez que, disse a ministra, “se se analisar a actual actividade mineira em Moçambique, percebe-se de imediato que a quantidade de profissionais que sai das instituições de ensino é muito pequena”.

Bias disse ainda que o governo vai solicitar o apoio de diversos parceiros, nomeadamente empresas e instituições de ensino, para ultrapassar esta situação, sendo que os custos da formação deverão ser suportados por fundos públicos e pelas próprias empresas. (fonte: macauhub)



Cooperação Moçambique-Brasil: Jovens moçambicanos poderão beneficiar-se de bolsas de estudo na área de energia e indústria extractiva

A estadista brasileira, Dilma Rousseff, no âmbito da sua visita a Moçambique, deixou ficar a possibilidade de os dois países aprofundarem a sua cooperação na área da educação através do envio de jovens moçambicanos para formação profissional nas diversas áreas, incluindo o sector da energia e indústria extractiva, no qual o Brasil possui grandes investimentos no país, como é o caso do projecto de extracção de carvão em Moatize, a construção da barragens no vale de Zambeze, na província de Tete, entre outros investimentos.

Ainda na senda da cooperação bilateral, o governo brasileiro incluiu a possibilidade de financiamento da barragem de Moamba Major, a qual poderá trazer grandes benefícios para a população local com a produção de electricidade e apoio ao desenvolvimento agrícola.

Por outro lado, foram ainda analisadas questões relacionadas com o aumento das relações políticas, desenvolvimento do projecto agrícola associado ao Prosavana, no Corredor de Nacala, e da fábrica de medicamentos anti-retrovirais a ser inaugurada em 2012.

PUB.



SUPLEMENTO RENOVÁVEIS

Energia Solar para extrair petróleo

Até as fontes de energias consideradas “sujas” estão a se render aos benefícios de fontes renováveis. A petrolífera Chevron Corporation está a alistar o sol para ajudá-la a extrair, de um antigo campo petrolífero, restos de petróleo grossos como lama.

Historicamente, as petrolíferas têm usado o gás natural para obter a energia necessária para criar vapor que amoleça sedimentos de petróleo para extracção, mas em Coalinga, no Estado da Califórnia, uma área explorada desde 1887 e onde os sedimentos de óleo bruto estão praticamente sólidos em temperatura ambiente, a energia utilizada vem agora de uma vasta área de painéis solares.

Essa combinação de uma tecnologia de energia dita “limpa” com uma das formas mais poluentes de extracção de petróleo diz bastante sobre o estado actual da indústria global de energia.

Empresas de energia solar, geralmente voltadas à geração de electricidade, estão procurando se diversificar para competirem num mercado apertado. A Chevron e sua parceira BrightSource Energy Inc, começaram em Agosto a produzir vapor originado da luz do sol que inunda o Vale de San Joaquin, a maior instalação do género no mundo.

A petrolífera tem divulgado a

exótica combinação como um modelo que vai ajudar as empresas que exploram petróleo a economizar e as empresas de energia solar a lucrar, sem necessidade de subsídios governamentais e ainda por cima minimizando a emissão de carbono na atmosfera.

CUSTOS ALTOS...

Mas o projecto em Coalinga é ainda uma experiência para ver se o modelo pode ser implementado em larga escala. Até agora, os resultados têm sido mistos.

A Chevron já gastou pouco mais do que os US\$ 28 milhões de seu contrato, mas a BrightSource já perdeu pelo menos US\$ 40 milhões no projecto e já revelou que vai perder bem mais.

As empresas, que podem ainda se beneficiarem de um crédito do governo pelo uso de energia solar, não quiseram revelar exactamente quanto gastaram até agora.

A energia solar em Coalinga é capturada por 7.000 espelhos instalados perto do sobe-e-desce de velhas bombas de petróleo. Os espelhos computadorizados, com 2 metros por 3 cada, acompanham o sol e reflectem seus raios para uma torre de 90 metros, gerando vapor que é desviado para o campo de petróleo.

O custo desse sistema é mais alto no início, mas se os espelhos acompanham o sol de maneira adequada, no longo prazo o investimento pode superar o custo de usar um gerador movido a gás natural. A tecnologia não substitui o gás natural, mas o complementa. *Fonte: Dasol*

Rio Tinto reestrutura divisão de alumínio

A mineradora anglo-australiana Rio Tinto anunciou nesta segunda-feira (horário local) que colocou 13 activos à venda, numa estratégia de reestruturação de sua divisão de alumínio. A companhia afirmou que o movimento e vai permitir à sua unidade Alcan se concentrar no crescimento das actividades principais e na melhoria de seu desempenho financeiro.

O director-executivo da Rio Tinto, Tom Albanese, afirmou em comunicado que “os activos identificados para desinvestimento são negócios confiáveis e que estão bem geridos, com forças de trabalho produtivas”. Entretanto, ele justificou que esses activos “não estão mais alinhados com nossa estratégia e acreditamos que terão um futuro brilhante sob nova propriedade”.

Enquanto a venda dos 13 activos não for concluída, alguns deles serão administrados separadamente, segundo a Rio Tinto. Seis activos na Austrália e na Nova Zelândia serão transferidos para uma nova unidade de negócios, chamada Pacific Aluminium, e passarão a ser administrados separadamente do grupo de produtos da Rio Tinto Alcan. Por outro lado, o director-executivo da Pacific Aluminium será Sandeep Biswas, enquanto a PCA da Rio Tinto Alcan é Jacynthe Côté.

Na Austrália, o desinvestimento da Rio Tinto inclui a mina de bauxita Gove, a refinaria de alumínio Boyne Smelters e a estação de energia associada Gladstone Power Station, além das fundidoras Tomago e Bell Bay. Na Nova Zelândia, será vendida a fundidora de alumínio New Zealand Aluminium Smelters.

De acordo com o comunicado, um segundo grupo de sete activos considerados menos centrais para a companhia continuarão sendo administrados pela Rio Tinto Alcan, enquanto forem avaliadas as opções de desinvestimento. Esses activos incluem: na França e na Alemanha, três fábricas da Specialty Alumina e a refinaria Gardanne; nos Estados Unidos, a fundidora Sebree; no Reino Unido, a fundidora Lynemouth e a estação de energia associada, para a qual uma das opções é o encerramento.

Segundo Albanese, a ideia é “escolher o método e o momento mais oportunos para nos desfazermos desses activos, o que pode não ocorrer até que o clima económico melhore. Enquanto isso, continuaremos executando essas operações seguramente e eficientemente”. A Rio Tinto já iniciou consultas junto às partes afectadas pela venda dos activos e vai trabalhar com governos e reguladores responsáveis para alcançar os seus objectivos.

Fonte: Dow Jones

PUB.

**VISITA E PUBLICITE
AQUI E NO**

www.energiamocambique.co.mz

**OS SEUS PRODUTOS
E SERVIÇOS.**



**SUBSCREVA
ESTE
NEWSLETTER**

+258 21 32 71 16/ 17

+258 84 30 66 780



Armazenagem e Distribuição de Combustíveis



Grande enchimento de Combustível



Vista parcial da instalação oceânica da Berra

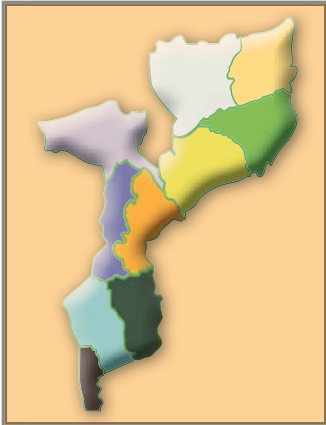
PETRÓLEOS DE MOÇAMBIQUE

petromoc
Sempre Presente

PUB.

MOÇAMBIQUE

Inventariação geológica custou mais de 33 milhões de dólares entre 2003 e 2007



O governo de Moçambique aplicou mais de 33 milhões de dólares entre 2003 e 2007 na prospecção, levantamento geológico e inventariação dos recursos minerais existentes no país, afirmou o director nacional de Geologia, Félix Daudi.

Daudi adiantou que aquele projecto foi financiado pelo Banco Mundial, Banco Africano de Desenvolvimento, Fundo Nórdico para o Desenvolvimento, pela África do Sul e ainda com recursos do Orçamento de Estado de Moçambique.

O objectivo era prosseguir com o trabalho de prospecção iniciado no tempo colonial e que foi interrompido logo após a independência nacional e os resultados das prospecções permitiram demonstrar que Moçambique possui recursos minerais em abundância que ainda não foram explorados ou mesmo descobertos.

Moçambique dispõe de vastas reservas de carvão mineral, com particular destaque para as localizadas nas províncias de Tete e Niassa, sendo que as reservas consideradas como provadas superaram actualmente 6 mil milhões de toneladas.

Para além da área de Moatize, existem diversas áreas em que decorrem trabalhos de pesquisa ou

de avaliação de reservas.

“É verdade que existe carvão. Mas também existe ferro ainda não explorado, bem como diatomites, argila, gás e petróleo que necessitam de um trabalho mais aprofundado. O que foi descoberto até aqui não é absolutamente nada



comparativamente ao que são as potencialidades do país, pelo que acho fundamental aprofundar o

conhecimento geológico do país”, afirmou ainda o director nacional de Geologia. (macauihub)

ATÉ FIM DO ANO

BHP Billiton planeia lançar nova plataforma de preços para minério

A mineradora anglo-australiana, BHP Billiton, quer oferecer um sistema mais transparente que os fornecidos pelos provedores de índices.

A mineradora anglo-australiana BHP Billiton planeia criar uma nova e mais transparente plataforma para precificação do minério de ferro até o fim do ano ou o início do próximo ano, chamado Minério Global, afirmou o executivo-chefe da divisão de ferrosos e carvão da companhia, Marcus Randolph, em audiência na World Steel Association, em Paris.

O executivo disse que estava a trabalhar com membros da associação na audiência para desenvolver um sistema de precificação que permitiria que os preços do minério de ferro fossem cotados numa tela em ordem para oferecer aos participantes do mercado um preço mais transparente que os fornecidos pelos provedores de índices, como o Platts.

“Nós precisamos disso para ter um mercado de derivativos viável”, declarou o executivo.

“À medida que você tenta criar um mercado financeiro, um mercado de derivativos, você precisa ter realmente 100% de verificação do que é o preço exactamente agora...(o Minério Global) “não é

baseado em um preço reportado, ele é visível às pessoas” na tela em tempo real”, afirmou Randolph.

O sistema Minério Global será modelado em cima do Carvão Global, outra plataforma de negociação que a BHP ajudou a estabelecer, onde os consumidores e produtores oferecem preços em um site para comprar e vender carvão térmico.

O sistema permite que os consumidores e produtores possuam a própria plataforma de negociação. As instituições financeiras também poderão participar, disse Randolph, mas não deixou claro se essa participação ocorreria como usuário, proprietário ou ambos.

A plataforma Minério Global permitirá inicialmente que consumidores e produtores negociem minério de ferro fino.

O mercado de derivativos cresceu desde que as maiores mineradoras do mundo - Vale, BHP e Rio Tinto - abandonaram o sistema de referências anuais de preços em 2009 para adoptar contratos de preços mais curtos.

A BHP vende mais de 50% de seu minério de ferro em bases mensais e uma proporção mais alta de carvão de coque em bases mensais, disse o executivo. Somente 15% das vendas mundiais de mi-

nério de ferro e 4% das de carvão coque são feitas por contratos de preços mais longos que um trimestre, acrescentou.

“A intenção de um preço mensal não é a de negociar. É a de fixar actualmente um preço onde o mercado está”, destacou Randolph. “Nós não estamos onde nós temos um mercado transparente, mas nós certamente estamos em um onde temos uma volatilidade baixa de mercado.”

Segundo ele, a China deseja se engajar em negociações de preços de curto prazo mais do que o Japão que tem uma proporção mais alta de demanda de aço por montadoras que preferem contratos anuais.

O vice-presidente e director comercial da ArcelorMittal, Simon Wandke, concorda com Randolph de que há potencial para um mercado de derivativos de minério de ferro mais transparente e com mais liquidez, mas ele não está certo se as siderúrgicas adoptarão tais instrumentos, dado o nível baixo de liquidez e também a probabilidade que tais instrumentos financeiros poderão somente cobrir uma parte da ampla variedade de teores e tipos de produtos no mercado do minério de ferro.

Fonte: Clarissa Manguiera, da Agência Estado/Dow Jones

APÓS DESASTRE DO GOLFO DO MÉXICO

BP recebe compensações de 4 mil milhões de dólares da Anadarko

Após desastre do Golfo do México, a BP recebe compensações de 4 mil milhões de dólares da Anadarko. O grupo petrolífero britânico BP vai receber quatro mil milhões de dólares (2,88 mil milhões de euros) da empresa norte-americana Anadarko, como compensação dos custos ligados à catástrofe do Golfo do México, anunciou a BP. A empresa afirmou, em comunicado noticiado pela AFP, que resolveu amigavelmente todos os litígios com a Anadarko, proprietária de 25% da reserva explorada pela plataforma Deep Horizon, cuja explosão, em Abril de 2010, provocou a maior maré negra da história dos Estados Unidos. O dinheiro será canalizado para o fundo de 20 mil milhões de dólares (14,4 mil milhões de euros), criado para compensar as vítimas da catástrofe e cobrir os custos de limpeza. No âmbito deste acordo, a petrolífera Anadarko vai transferir a sua participação de 25% da

reserva para a BP.

O grupo britânico também chegou a um acordo com a japonesa Mitsui, que deverá pagar à BP mais de um milhão de dólares (721 mil euros).

“As partes implicadas fazem frente às suas obrigações e ajudam a financiar a restauração da economia e do ambiente do Golfo, o que representa um verdadeiro progresso”, afirmou Bob Dudley, director-geral da BP.

“É tempo de os contratantes seguirem [esta decisão], incluindo a Transocean e a Halliburton”, acrescentou, citado na nota da empresa.

Um relatório das autoridades norte-americanas publicado em Setembro apontava responsabilidades à BP mas também a várias empresas subcontratadas, como a norte-americana Halliburton (que construiu as instalações de cimento) e a suíça Transocean (proprietária da plataforma). Fonte: jornal de negócios

PUB.



SISTEMAS DE COMBATE A INCÊNDIOS

SPRINKLERS - Convencionais



Prédio Cardoso - Av. 25 de Setembro, N. 1123, 1º e 2º andar, Porta N.
Tel.: +258 21 327116 / 21 327117 • Fax: +258 300948 • Caixa Postal: 302
Cel: +258 84 42 11 091 / 82 62 34 124 • 84 30 66 180
E-mail: prolog@prolog.co.mz instalfogo@instalfogo.pt
Maputo - Moçambique

Em análise

Governança da Terra, Exploração de Recursos Naturais e Desenvolvimento sustentável em Moçambique:

Há que relembrar o facto de que os Recursos Naturais não são renováveis, daí a necessidade de se colocar as seguintes questões: Como garantir a sua exploração de forma sustentável e transparente? Quais os benefícios que o país está a retirar dos contratos assinados com as multinacionais que estão a operar neste momento? Como assegurar que as divisas captadas com a expansão da indústria extractiva moçambicana contribua para as finanças públicas ou no aumento da capacidade do Estado em prover serviços básicos em qualidade e quantidade? Qual é o sentimento das comunidades locais face as medidas de mitigação dos impactos sociais e ambientais dos projectos ora implementados e em implementação? Qual é o cometimento do Governo em relação a Transparência na Indústria Extractiva (ITIE)?

Como se pode notar, as questões são várias e muitas ainda ficam por formular. Tal demonstra a pertinência do assunto para a jovem nação moçambicana. São estas questões que servirão de fio condutor da presente reflexão sem serem esgotadas.

Assim, partimos do pressuposto que o mundo enfrenta, hoje, muitos e complexos desafios, destacando-se entre outros as mudanças climáticas; rápida urbanização; aumento da demanda por recursos naturais; alimentação, água e insegurança energética; aumento de desastres naturais e conflitos. Muitos destes desafios têm uma clara dimensão da terra incluindo: acesso desigual; insegurança na posse; uso insustentável; fraca capacidade institucional para a resolução de disputa e conflitos relacionados com a terra.

Chega-se a se considerar a terra como o único recurso que pode ser considerado o mais importante de um país, “que Deus oferece ao povo”. O acesso a terra e outros recursos naturais e a segurança associado a posse tem um impacto significativo no processo de desenvolvimento. Contudo, estes direitos estão a ser, crescentemente, minados pela forma de governação, mudanças climáticas, conflitos e desastres naturais, crescimento da população e urbanização e a demanda por novas fontes de energias como por exemplo os biocombustíveis.

Neste processo, os grupos vulneráveis e desfavorecidos são os que mais sofrem com o impacto relacionados com a degradação da terra e direitos de propriedade. Ao nível global, apenas 30% da terra está formalmente registada. Neste universo retrocitado (30%) apenas 2% das mulheres tem formalmente registado os direitos de uso e aproveitamento de terra.

Em virtude das dinâmicas sociais, económicas e políticas que se vivem na actualidade, nos últimos quinze anos tem emergido um novo pensamento global e iniciativas para melhorar a governação (gestão) de terra. Este novo paradigma ao invés da gestão advoga a governação da terra, olhando para questões como a transparência, accountability, participação, equidade, justiça, e estado de direito.

Considera-se que em muitas cidades no mundo, os pobres vivem sob constante medo de serem despejados, ou seja, hoje em dia é muito comum, o desenvolvimento baseado em despejos/desalojamento. Neste processo de desalojamento, tendencialmente as melhores terras ficam nas mãos dos mais poderosos e os mais pobres e a mulher são os mais afectados com a fraca capacidade de governação da terra. Fonte: IMPROG, UN-HABITAT 2010.



Murrilo Ferreira
Presidente da Vale

A NÍVEL GLOBAL

Vale pretende empregar mais no próximo ano

O presidente da Vale, Murrilo Ferreira, diz que espera aumentar o número de funcionários no ano que vem. Hoje são 126 mil, espalhados pelas várias unidades da mineradora pelo mundo.

“Espero, no ano que vem, ter muito mais do que os 126 mil. Estamos a analisar o orçamento para decidir até o final do mês. Ainda não sei o número certo. Mas estamos confiantes no nosso crescimento”, diz o executivo que assumiu há cinco meses o comando da companhia.

“Vai subir, se Deus quiser. O crescimento será na mineração”, acrescentou.

O executivo evita falar das demissões de 2008, alegando que “Tinha de estar na cadeira onde

estou para julgar.” O homem forte da Vale é ainda mais cauteloso ao falar de investimentos que ainda não passaram pelo conselho de accionistas.

A Vale aprovou o novo investimento na mina de Moçambique. “Vamos dobrar a capacidade de 11 milhões de toneladas de carvão para 22 milhões de toneladas. Construir mais uma na Guiné, na Angola. Gosto muito da África, a última fronteira de negócios”, disse Ferreira, que se diz mais do que animado com a energia limpa.

“Estou doído para aprovar a primeira energia eólica, espero que neste ano ainda, poder construir as nossas eólicas”, frisou.

Fonte: Folha de São Paulo

PUB.



MOÇAMBIQUE

Consórcio da Galp faz grande descoberta de gás natural

Um consórcio liderado pela italiana Eni, em que a Galp participa com 10%, fez uma grande descoberta de gás natural na costa de Moçambique, noticia o “The Wall Street Journal”. A descoberta pode transformar Moçambique num dos maiores exportadores para o mercado asiático.

As primeiras perfurações em águas ultra-profundas descobriram cerca de 15 biliões de pés-cúbicos de gás natural, disseram ao WSJ fontes próximas do consórcio.

As mesmas fontes disseram que a reserva de gás natural é de muito elevada qualidade e que o consórcio deverá ser capaz de retirar uma quantidade invulgarmente elevada de gás comercializável.

O consórcio é liderado pela Eni, com 70%. A Galp Energia detém 10%, tal como a Korea Gas Corp. e a empresa nacional moçambicana.

A texana Anadarko Petroleum Corporation também havia anunciado, no início do mês, uma descoberta de gás natural no “offshore” de Moçambique, mas a dimensão será menor.

A confirmar-se o potencial da descoberta, poderá haver matéria-prima suficiente para justificar a construção de um grande terminal de gás natural liquefeito capaz de tornar Moçambique um dos grandes exportadores de gás natural para mercados como a China, a Coreia do Sul e o Japão, escreve o “The Wall Street Journal”.

As acções da Galp Energia recuperaram das perdas iniciais e estão a subir 1,7% para 14,695 euros. Fonte: JN

Incêndio na refinaria da Engen Petroleum interrompe fornecimento de gás para Moçambique



Refira-se que a importação de GPL (gás de petróleo liquefeito) é feita exclusivamente a partir de refinarias sul-africanas, uma vez que operacionalmente não podemos receber gpl doutra forma que não via rodoviária ou via ferroviária.

O incêndio que deflagrou na refinaria da Engen Petroleum, na vizinha África do sul, empresa fornecedora de gás de petróleo liquefeito a Moçambique está na origem da actual crise de abastecimento de gás doméstico no país, disse a Importadora Moçambicana de Petróleos (IMOPETRO), num comunicado enviado a nossa redacção.

Por outro lado, a Engen Petroleum, sediada na cidade do Cabo, com quem a IMOPETRO tem um contrato de fornecimento até Fevereiro de 2012 manteve a intenção de encontrar fontes alternativas de abastecimento.

	ENERGIJA & INDÚSTRIA EXTRACTIVA Newsletter Quinzenal 20.01 Cabo Verde
Ficha Técnica	
Concepção Maquetização e Produção STATUS-Consultores de Comunicação	
DISP. REG. N 5 GABINFO/DEC/2008	
Morada:	Av. 25 de Setembro, n° 1123
Prédio Cardoso	
Telef.:	+258 21 32 71 16/ 17
Fax:	+258 21 32 71 17
Director:	Inguila Sevene
Comercial:	Virgílio Fernandes
Editor:	Aunorio Simbine
Email:	status@tvcabo.co.mz
Website:	www.status.co.mz e www.energiamocambique.co.mz